O Jornalismo e a Violência: Algumas Reflexões sobre as construções nos jornais impressos paraenses[1]

Alda Cristina Silva da COSTA[2]
Erica Marques DIAS[3]
Kristopher-Jon Jon-SAMUEL[4]
Universidade Federal do Pará, Belém-PA

RESUMO

Os jornais impressos paraenses ainda privilegiam na cobertura sobre violência, o sensacionalismo, a superficialização e a banalização dos fatos, das imagens e dos envolvidos. O presente artigo objetiva refletir sobre porque as notícias sobre violência são construídas sob esses aspectos pelos jornais impressos, levando-se em conta que os meios de comunicação são as principais fontes de informação que a sociedade tem sobre si. Na escrita do texto, tomamos como objeto de análise o jornal O Liberal, a partir das entrevistas realizadas com editores e repórter, responsáveis pelas matérias. No diálogo das reflexões e análises, utilizamos as teorias do jornalismo, gatekeeping e organizacional, nas suas interfaces, com o objetivo de compreender a seleção das notícias que vão ser publicadas na editoria de polícia, escolhendo os recortes de acordo com o veículo.

PALAVRAS-CHAVE: Jornal Impresso; Violência; Mídia; Teorias do Jornalismo; Produção de Notícias

Contextualizando os fatos

O debate sobre a relação da mídia e a violência não é uma temática recente no jornalismo brasileiro, seja impresso ou televisivo, desde muito se questiona o tratamento dispensado pelos veículos na cobertura sobre as notícias que envolvem fatos de violência. As diversas análises na intercessão dos dois campos se fazem de maneira conflituosa, considerando a forma e conteúdos elaborados pelo fazer jornalístico, que quase sempre privilegiam o sensacionalismo, a espetacularização, a superficialização e a banalização (COSTA, 2010) dos elementos que serão visibilizados para o público leitor.

No Brasil, após amplas discussões, quase todos os jornais impressos modificaram o tratamento dado às editorias de polícia, abandonando a utilização de expressões e fotos que

[1] Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, GP Teoria do Jornalismo – do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Professora do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará; professora do curso de Comunicação Social e coordenadora do projeto de pesquisa Mídia e Violência: as narrativas midiáticas na Amazônia Paraense, parceria entre UFPA/CNPq. E-mail: aldacristinacosta@gmail.com
[3] Graduanda de Comunicação Social – Jornalismo e bolsista PIBIC do projeto de pesquisa Mídia e Violência: as narrativas midiáticas na Amazônia Paraense. e-mail: ericaamd5@hotmail.com
[4] Graduando de Comunicação Social – Jornalismo e bolsista PIBIC do projeto de pesquisa Mídia e Violência: as narrativas midiáticas na Amazônia Paraense. E-mail: kristopher.samuel@hotmail.com

apelavam aos elementos 'sangrentos' dos fatos. No estado do Pará ainda é possível identificar nos três maiores jornais O Liberal, Diário do Pará e Amazônia Jornal essas mesmas linguagens, sendo com mais apelo nos dois últimos, que ainda apresentam como aspectos principais ênfases no cadáver, nas manchetes preconceituosas e nos envolvidos. O debate sobre a violência em si, continua fora da pauta da cobertura dos veículos.

Na pesquisa realizada por Silvia Ramos sobre a relação entre mídia e violência, após o resultado de três anos de pesquisas sobre a produção diária de jornais e de entrevistas com 90 jornalistas e especialistas em segurança pública, foi constatado mudanças na cobertura sobre notícias envolvendo violência:

> ...apesar dos problemas, a imprensa tem modificado, para melhor, o tratamento que dá aos temas associados à violência, à criminalidade e à segurança pública. Nas últimas décadas, especialmente a partir dos anos 1980, o fenômeno da violência urbana se multiplicou e se tornou mais complexo. Os jornais também evoluíram em muitos aspectos e continuam evoluindo. Um dos objetivos deste trabalho é indagar se as mudanças verificadas até agora são suficientes e se acompanham a velocidade daquelas registradas na sociedade (RAMOS, 2007, p. 18).

O presente artigo,é parte das observações e constatações dos mapeamentos realizados, nos meses de março e abril de 2012, no projeto de pesquisa Mídia e Violência: as narrativas midiáticas na Amazônia Paraense[5], e tem como objetivo refletir sobre porque as notícias sobre violência ainda são construídas sob esses aspectos negativos nos jornais impressos. Partimos da argumentação, que os meios de comunicação são as principais fontes de informação que a sociedade tem sobre si, ou seja, constroem sentidos para os indivíduos. Para o artigo, tomamos como objeto de reflexão as entrevistas realizadas com os editores e o repórter do jornal O Liberal[6], responsáveis pelo Caderno Polícia, com base na perspectiva das teorias do *gatekeeping* e da organizacional, a partir da seleção que os veículos fazem e como fazem dos fatos que podem ser enquadrados como acontecimentos. A notícia, neste sentido, passa a ser apenas um apelo a versão dos fatos, mas não a versão definitiva desses mesmos fatos na realidade.

Ou, de outro modo, as inserções de determinadas notícias que servem como estratégias de atração do público leitor, entendimento caro às teorias do jornalismo, que buscam compreender e explicar as formas e os conteúdos do produto jornalístico. O

[5] O projeto de pesquisa "Mídia e Violência: as narrativas midiáticas na Amazônia Paraense", coordenado pela professora doutora Alda Cristina Silva da Costa, está sendo realizado em pareceria entre Universidade Federal do Pará/Faculdade de Comunicação e o Conselho Nacional de Desenvolvimento -CNPq (Edital Universal), desde 2012. O projeto encontra-se na sua primeira etapa de mapeamento dos três jornais impressos paraenses Diário do Pará, O Liberal e Amazônia Jornal.

[6] Mesmo considerando que o jornal O Liberal não tem um apelo excessivo ao sangue, a seleção deste veículo foi baseada nas primeiras entrevistas realizadas com os profissionais que trabalham diretamente na apuração e na edição das matérias. Até o fechamento do artigo, não foi possível fazer pesquisa de observação com os profissionais do jornal Diário do Pará.

gatekeeping na concepção de Shoemaker e Vos "é um processo de seleção e transformação de vários pequenos pedaços de informação na qualidade limitada de mensagens que chegam às pessoas diariamente, além de ser o papel central da mídia na vida pública moderna" (2011, p. 13).

O jornal O Liberal[7], pertence as Organizações Romulo Maiorana, é considerado um dos maiores grupos de comunicação do Brasil, sendo um dos jornais mais lidos do Estado, com uma tiragem média de 40 mil exemplares durante a semana, e, nos domingos chegando ao número de 87 mil. São cinco cadernos que formam o jornal, entre eles, o caderno Polícia.

O caderno polícia tem em média de 8 a 14 páginas, dependendo do dia, sendo que parte das matérias fala sobre crimes diversos de várias localidades do país. A manchete de capa vai capitanear a principal matéria do caderno. Quando as notícias são de crimes locais, o jornal adota o seguinte comportamento: quando a foto é mais forte ou apelativa, a manchete é mais suave; quando a manchete é apelativa, a foto é mais simples, sem corpo ou com corpo coberto. Constatamos assim, um meio termo para compensar o exagero de um ou do outro. O caderno sempre coloca nas suas edições fotos dos acusados, preferencialmente nus da cintura para cima.

Neste sentido, nos apoiamos nas teorias do jornalismo com objetivo de refletir sobre o comportamento do jornal em construir, ainda, as notícias nos mesmos formatos já tão combatidos.

Com a teoria do *gatekeeping*, dialogamos com os pressupostos levantados por Mauro Wolf (2008) e de Pamela Shoemaker (2011). O *gatekeeping* é interpretado como o processo em que a tábua de varias mensagens é reduzida e disseminada ao publico nos jornais e na televisão. A teoria é valida na área de comunicação e do jornalismo, sobretudo, na sociedade moderna, uma vez que o público é bombardeado por uma imensa gama de informações, e com esta teoria é possível indicar o raciocínio usado para a seleção das informações publicadas pelos emissores. É importante lembrar que todas as mensagens disponíveis hoje em dia, não podem ser disseminadas porque o espaço da disseminação é limitado. Nos jornais existem as limitações do papel e na televisão existe a limitação do tempo; portanto, será utilizado o *gatekeeping* em várias partes da produção de noticias e na disseminação delas.

[7] O jornal O Liberal circula em Belém e maior parte do Pará desde o ano de 1946 e foi adquirido por Romulo Maiorana em 1966, passando a integrar Organizações Romulo Maiorana (ORM).

Destacamos assim, as primeiras discussões sobre esta teoria, que de acordo com Shoemaker e Vos (2011, p. 37), as mensagens são geradas a partir de uma informação sobre eventos que tenha atravessado uma série de portões e tenha sofrido modificações ao longo do processo. Algumas dessas informações acabam indo parar na capa dos jornais, outras nunca se transformam em notícias.

Na concepção dos autores três importantes partes interessam no processo de *gatekeeping*: a entrada de itens no canal, as características jornalísticas, e as forças em frente e por trás dos portões (2011, p. 37-47).

Pela teoria organizacional, o trabalho jornalístico é dependente dos meios utilizados pela organização. E o fator econômico é exatamente o mais influente de seus condicionantes. O que, para uma classificação genérica, coloca essa teoria como uma vertente da ação política.

O jornalismo é um negócio. E, com tal, também busca o lucro. Por isso o setor comercial passa a ser uma importante área dentro de uma organização jornalística, pois ele é responsável pela captação de anúncios para sustentar o jornal. E eles interferem diretamente na produção das notícias.

O 'medo é a mensagem'

A partir de um trocadilho feito por Gil Calvo (apud ALSINA, 2009), parafraseando McLuhan no célebre texto "o meio é a mensagem", procuramos refletir a forma e conteúdos disseminados nos jornais impressos Diário do Pará, O Liberal e Amazônia Jornal[8], em que a temática violência ainda tem um espaço de destaque nas páginas, inclusive com editorias de polícia, com repórteres e fotógrafos setorizados. Especificamente no presente artigo, nossa reflexão somente abordará o jornal O Liberal. Isto não seria negativo se os veículos estivessem preocupados com seu fazer jornalístico de esclarecer e orientar a sociedade sobre os problemas sociais que angustiam a vida e as relações humanas. Encontramos ainda, principalmente nos Cadernos de Polícia dos jornais Diário do Pará e Amazônia Jornal, um apelo excessivo ao sensacionalismo, à superficialização dos fatos, à espetacularização das imagens e à banalização dos envolvidos, quase sempre com adjetivos preconceituosos e que fogem às normas dos direitos humanos.

Diariamente nas edições dos respectivos jornais o leitor é submetido à notícias que expõem corpos sangrentos, manchetes preconceituosas e ironias com relação aos atos

[8] O Liberal e Amazônia Jornal pertencem a mesma empresa, ou seja, Organizações Romulo Maiorana.

cometidos pelos envolvidos que são visibilizados nas matérias. Com relação às fases do trabalho jornalístico e à tematização, Alsina (2009) destaca que a própria morfologia da mídia exige o destaque de certos assuntos nas "capas":

> E esses temas são os que de fato "terão um maior ibope". Precisamos levar em conta, também, que o nosso muito bem informado cidadão faz uma seleção da notícia que a mídia lhe traz. A opulência na informação que existe hoje em dia na nossa sociedade obriga a uma delimitação nos campos de atenção dos temas. No entanto, existe uma série de temas que são destacados pelo sistema da mídia e que se impõem como sendo os assuntos mais relevantes do dia (ALSINA, 2009, 13).

No jornal O Liberal, encontramos algumas diferenças na cobertura de notícias que envolvem fatos violentos, mas o veículo também utiliza critérios análogos com a finalidade de seduzir o público leitor, elegendo também elementos como a violência, a agressividade e a dor.

Como bem concluiu Hausser (apud ALSINA, 2009, 152), o jornal não se adapta ao acontecimento, é o acontecimento que é compelido a se adaptar ao jornal. "Um estudo da enunciação nos leva a avaliar o grau de adequação de um determinado acontecimento, no comportamento rotineiro de um jornal e não vice-versa".

Como notícia, partimos da concepção definida por Sousa (2000; 2002), que a considera como um artefato linguístico que representa determinados aspectos da realidade, resultante de um processo de construção onde atuam fatores de natureza pessoal, social, ideológica, histórica, físico e tecnológico. Não podemos esquecer que o jornalismo, se vale de informações com sentido compreensível num determinado momento histórico e sociocultural, embora a atribuição última de sentido dependa do consumidor da notícia.

Ao recorrer a conceituação de artefato linguístico, Sousa[9] lembra que a notícia é uma construção humana baseada na linguagem, seja verbal ou de outra natureza (como a linguagem das imagens), nascendo da interação entre a realidade perceptível, os sentidos que permitem ao ser humano "apropriar-se" da realidade, a mente que se esforça por apreender e compreender essa realidade e as linguagens que alicerçam e traduzem esse esforço cognoscitivo.

Ou então, o conceito estabelecido por Alsina (2009, p. 12) de que a notícia é uma "representação social da realidade cotidiana, produzida institucionalmente e que se manifesta na construção de um mundo possível". Ou, a narração de um fato ou o reescrever de uma outra narrativa, enquanto que o acontecimento é a percepção do fato em si ou da notícia.

[9] Informações disponíveis em: http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-teoria-multifactorial-noticia.pdf. Acesso em jul. 2013.

Na segunda quinzena de maio de 2013, entramos em contato com os editores do jornal O Liberal e Amazônia Jornal, solicitando a participação dos bolsistas Erica Marques e Kristopher-Jon Jon-Samuel[10] nas atividades dos respectivos jornais[11], especificamente com os profissionais das editorias de polícia. O objetivo da visita[12] seria uma pesquisa de observação com os jornalistas que trabalham com matérias de violência, assim como entrevistas com os respectivos profissionais.

A visita aconteceu no período de 3 a 7 de junho de 2013, durante uma semana os bolsistas tiveram a oportunidade, das 14 às 18 horas, de acompanhar as atividades dos respectivos profissionais. Em entrevista concedida aos bolsistas, no próprio jornal, o editor-chefe do jornal O Liberal, jornalista Lázaro Moraes, afirmou que não saberia dizer o porque dos jornais paraenses ainda selecionarem os aspectos negativos nas notícias de violência, mas acreditava que o problema não seja somente da seleção feita pelo veículo, mas também do público que gosta de consumir matérias dessa natureza. Na sua fala constatamos uma dupla indução, ou seja, veículo seleciona as notícias para o público, mas o público também seleciona para o veículo. A responsabilidade da seleção, neste caso, seria mútua, pois o veículo oferece aquilo que o leitor deseja consumir.

A entrada ou seleção de determinadas notícias ou informações no *gate* para serem disseminados também depende da sua importância e acessibilidade. O conceito do *gate* é uma metáfora usada para simbolizar o processo de como algumas noticias são disseminadas e como algumas são descartadas. A escolha da usabilidade de uma noticia é feito por *gatekeepers*, que são humanos. Os *gatekeepers*, ou "porteiros", são considerados como o editor chefe, e a eles cabem determinar quais notícias serem selecionadas e a sua importância para o veiculo de comunicação. Na maioria das vezes os *gatekeepers* escolham as notícias baseada nas suas próprias preferências ou nas políticas e crenças do veiculo de comunicação. Com suas regras e objetivos eles guiam esse processo de seleção; conforme isto, o poder da seleção da informação oferecida para o publico passa a ser decidida por uma pessoa ou um grupo de pessoas restrito (WOLF, 2008, p. 184). Na base dessa seleção das informações, a linha editorial dos emissores é fundamentada, e o seu publico passa a seguir um determinado emissor de acordo com suas crenças e linhas de pensamento.

[10] Os dois são graduandos de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal do Pará, bolsistas PIBIC e integrantes do projeto de pesquisa Mídia e Violência: as narrativas midiáticas na Amazônia Paraense. A visita está prevista no Plano de Trabalho dos dois bolsistas.
[11] Os dois jornais pertencem a mesma empresa (Organziações Romulo Maiorana) e as editorias dos jornais ficam no mesmo prédio físico.
[12] A visita ao jornal aconteceu no período de 3 a 7 de junho de 2013.

Na seleção das informações que vão ser divulgadas para o público, devem se considerar, conforme concepção de Shoemaker e Vos (2011, p. 45), no *gatekeeping* cinco níveis diferentes de construção da notícia: o individual, as rotinas ou práticas de trabalho, o organizacional, a análise socioinstitucional e o sistema social.

> O dos profissionais de comunicação individuais (por exemplo, suas atitudes políticas); o das rotinas ou práticas do trabalho em comunicação (como prazos finais ou pirâmide invertida); o nível organizacional (análise de variáveis como parâmetros de participação de propriedade da mídia); o nível da análise socioinstitucional (incluindo influências de governo, da propaganda e grupos de interesse); e o nível do sistema social (análise de variáveis como ideologia e cultura) (SHOEMAKER e VOS, 2011, p. 50)

No nível de analise individual, as últimas decisões tomadas sobre a disseminação da informação é pessoal e restrito ao *gatekeeper* ou editor chefe. O editor tem o poder, dentro do veículo, da última decisão na publicação de uma matéria no jornal, portanto, sua aprovação é de extrema importância.

No jornal O Liberal é possível constatar que sua cobertura evita o uso da linguagem irônica e preconceituosa. Na seleção das fotos que serão publicadas, procura evitar na medida do possível, a exposição de corpos, com sangue, de ilustrações ou desenhos que construam uma ideia grotesca da violência. Essa decisão tem como base a política da empresa e o público que se destina o respectivo jornal, isto é, classe média. Mas mesmo assim, o jornal busca uma linguagem alternativa de atendimento do leitor, semelhante aos concorrentes.

O conjunto da notícia, incluindo fotos, textos e manchetes, sofre algumas avaliações antes de serem publicadas, com a finalidade de construir um equilíbrio ou harmonia na matéria final. Conforme abordamos acima, o jornal paraense quando aborda notícias de crimes locais, adota a postura de equilibrar: quando a foto é mais forte ou apelativa, a manchete é mais suave; quando a manchete é apelativa, a foto é mais simples, sem corpo ou com corpo coberto, compensando o exagero de um ou do outro. O processo de gatekeeping "envolve não apenas a seleção ou rejeição de itens, mas também o processo de modificá-los de forma a torná-los mais atraentes para o consumidor final." (SHOEMAKER, 2011, p.26). Ou, então:

> Na transmissão da mensagem por meio dos canais, pode-se envolver muito mais do que a simples rejeição ou aceitação (...). O *gatekeeping* nos meios de comunicação de massa inclui todas as formas de controle da informação, que podem ser determinadas nas decisões sobre a codificação das mensagens, a seleção, a formação da mensagem, a difusão, a programação a exclusão de toda a mensagem ou dos seus componentes" (DONOHUE-TICHENOR-OLIEN apud WOLF, 2008, p. 186)

Com relação aos níveis de análise das rotinas de comunicação e organizacional, percebemos que as decisões são feitas de acordo com um *modus operandi* pré-estabelecido na organização. Ou então, pela representação que o caderno polícia tem no jornal como um todo.

Ao ser indagado pelos bolsistas Erica Marques e Kristopher-Jon Samuel, porque os veículos impressos no Pará ainda eram os únicos a incorporar nas suas edições do caderno polícia, formatos de jornais populares e sensacionalistas, o editor de O Liberal, Lázaro Cardoso contra argumentou afirmando: "o caderno só existe porque ele é o mais lido. Você vai extinguir o que é mais lido? Do ponto de vista administrativo, não", sentenciou. Continuou, "o caderno existe porque o público quer que exista".

É importante destacarmos que ser o mais lido é um critério de entendimento do veículo, sem uma base mais específica de pesquisa que comprovem de fato que o caderno seja o mais lido.

No contexto organizacional o *modus operandi* é responsável para guiar os seus funcionários no processo de tornar acontecimentos em notícias. Essas rotinas e práticas generalizadas e preestabelecidas fazem com que a organização seja protegida de ações judiciais e também contribuem na publicação de noticias que mostrem o compromisso ético e seus valores operacionais.

Outro aspecto bastante criticado é a linguagem utilizada pelos jornais para denominar envolvidos ou desqualificá-los. Os editores do jornal investigado, afirmam que eles têm uma linguagem diferenciada do outro jornal (Diário do Pará), pois o jornal é destinado para a classe média. "É um público que se interessa com esta questão da violência urbana, mas sem muito estardalhaço e escândalos como é feito pelo 'outro', disseram os editores Lázaro Moraes e Oswaldo Forte. Mas é possível identificar a utilização de maneira sutil dessa linguagem sensacionalista, misturando, ao mesmo tempo, elementos agressivos aos leitores e, informações importantes para os leitores.

Alguns exemplos das matérias publicadas nos meses de março a abril de 2012:

- Matéria 01: Morta na frente dos vizinhos (Jornal O Liberal – Caderno Polícia - 15/03/2012)
- Descrição da foto: O corpo esta no chão coberto por um pano, enquanto uma multidão está observando.
- Matéria 02: PM invade casa e mata ex-DJ (Jornal O Liberal – Caderno Polícia - 24/03/2012)
- Descrição da foto: Mãe da vítima mostrando as marcas de sangue na casa; a arma que teria sido o motivo do assassinato; foto da identidade da vítima morta.

- Matéria 03: Três mortes em madrugada violenta (Jornal O Liberal – Caderno Polícia - 02/04/2012)
- Descrição da foto: Corpo de uma das vítimas mortas na madrugada
- Matéria 04: preso confessa ter executado técnico em enfermagem a facadas
- Descrição da foto: Acusado algemado

Por exemplo, no caderno policia de 'O Liberal', existem dois profissionais que se envolvem na composição de uma matéria antes da sua publicação. O primeiro 'portão' é o fotógrafo jornalístico que segue as práticas pré-estabelecidas pela organização ao capturar as imagens de uma cena de crime. A seleção do ângulo é importante para preservar a integridade dos envolvidos no ato violento, assim como são escolhidos os planos de dimensão, com a finalidade de evitar mostrar o rosto ou próprio corpo, ou, outras marcas que possam identificar a pessoa retratada. Tudo isso faz parte da seleção da 'informação imagética', portanto, contribuindo no processo da seleção da matéria a ser publicada. O segundo portão será o editor-chefe que decidirá a publicação da matéria.

O outro nível de seleção é o individual que segue as determinadas práticas pré-estabelecidas pela organização, ou seja, o repórter no decorrer da escrita da matéria. Ele é capaz de incluir ou omitir certas informações que possam prejudicar a integridade e o bom relacionamento com as suas fontes ou que possam identificar as vitimas ou, também, às vezes, o acusado. O repórter também, na seleção da linguagem usada no texto, atribui certos tons ou sentidos às situações que considera importante na construção do texto jornalístico.

Constatamos o forte apelo da teoria organizacional em que o profissional adapta-se à política editorial da empresa jornalística, sem os questionamentos sobre a importância de trabalhar determinadas notícias para a sociedade. As normas editoriais passam a ser mais importantes do que as crenças individuais. A principal fonte de expectativas, orientações e valores profissionais do jornalista não é o público, mas o grupo de referências constituído por seus superiores e colegas (PENA, 2010).

Com relação às fotos publicadas nas páginas do jornal, sempre são utilizadas com a finalidade de atrair e seduzir o público à leitura. A seleção é feita em conjunto entre editor-chefe e diagramador, de acordo o jornalista Oswaldo Forte, editor fotográfico do jornal O Liberal. A seleção será feita de acordo com a própria diagramação do jornal, ou seja, as características particulares do caderno polícia.

Oswaldo Forte informou também que o excessivo número de fotos publicadas no caderno, em todas as páginas há uma foto de um envolvido, principalmente sem camisa, é um pedido da polícia. "A polícia pede que a mídia apoie o trabalho deles, publicando fotos

dos acusados, não com a finalidade de expor, mas para identificar o acusado, e que possam surgir testemunhas do caso", afirma o editor-fotográfico.

Outro aspecto pode ser evidenciado na seleção são as fontes dos jornalistas na construção das notícias sobre violência. A ligação entre acontecimento-fonte-notícia é básico para a construção da realidade jornalística. E na editoria de polícia, as fontes quase 100% são concentradas nos policiais, sejam militares ou civis. Os principais locais de cobertura são as unidades policiais ou instituto médico legal.

Quando os jornalistas dispõem de outras fontes ou 'testemunhas' de alguns casos que cobrem, nem sempre é possível resguardar ou preservar o nome das mesmas. O repórter policial, Dilson Pimentel, de O Liberal, lembra que o bom jornalismo é feito de boas fontes, mas que no caderno polícia nem sempre é possível proteger essas mesmas fontes. "Tem momentos que você chega no jornal e fala para o editor que a fonte não quer ser revelada, só que infelizmente isso não acontece na editoria, porque muita das vezes a edição do jornal acredita que o nome tem que ser publicado".

Ao indagarmos o editor-chefe, se o jornal não deveria adotar um outro comportamento na construção das notícias, privilegiando a reflexão e o debate sobre o problema social violência, o editor Lázaro Moraes afirmou "não é finalidade do caderno polícia tratar sobre reflexão para sociedade, pois se isso for feito, a editoria perde seu foco. Trabalhamos com noticias de polícia e o público deseja efetuar leitura sobre isto. Ele (leitor) não está interessado nessa análise. Esse tipo de reflexão é feito em outras matérias e em outros cadernos".

Breves Reflexões

A presente escrita não é conclusiva, mas são reflexões iniciais levantadas a partir do mapeamento dos jornais impressos paraenses, realizado dentro do projeto de pesquisa Mídia e Violência: as narrativas midiáticas na Amazônia Paraense, em parceria entre Universidade Federal do Pará/Faculdade de Comunicação e o Conselho Nacional de Desenvolvimento -CNPq. E também as primeiras entrevistas realizadas com editores e repórteres do jornal O Liberal.

Neste primeiro momento, privilegiamos abordar, numa perspectiva inicial, as falas dos profissionais no fazer jornalístico da construção da notícia, apontando com base nas

teorias do gatekeeping e organizacional, as interfaces na seleção das notícias que serão publicadas para os leitores. Mesmo considerando que o jornal O Liberal adota aspectos diferenciados da construção da notícia no seu caderno polícia, em comparação aos dois outros jornais impressos paraenses, ainda assim, é possível constatar uma seleção que privilegia não conteúdo e forma da notícia, mas conteúdo e forma passam a ser seleções de intencionalidade com objetivo de manter o público leitor do caderno. O caderno equilibra as notícias entre apelo e informação.

Referência Bibliográfica

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**; tradução de Jacob A. Pierce. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

COSTA, Alda Cristina Silva da. "**O embate entre o visível e o invisível**: a construção social da violência no jornalismo e na política", 2010. Disponível em http://www.ppgcs.ufpa.br/arquivos/teses/teseTurma2005-AldaCosta.pdf.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2010.

RAMOS, Silvia. **Mídia e violência:** tendências na cobertura da criminalidade e segurança no Brasil / Silvia Ramos e Ana Bela Paiva – Rio de Janeiro, IUPERJ, 2007.

SHOEMAKER, Pamela J e VOS, Tim P. **Teoria do gatekeeping**: construção e seleção da noticia. Porto Alegre: Penso,2011.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação de Massa**; 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

SOUSA, J. P., **As Notícias e os Seus Efeitos**. Coimbra, Minerva Editora, 2000.

SOUSA, J. P., **Teorias da Notícia e do Jornalismo**. Florianópolis, Letras Contemporâneas, 2002.